



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA E MUSEOLOGIA  
BACHARELADO EM MUSEOLOGIA**

**NYKOLLE ARAÚJO CORDEIRO DE VASCONCELOS**

**MEMÓRIA COLETIVA E IDENTIDADE:** estudo de caso do bloco carnavalesco Os  
Caiporas de Pesqueira-PE

**RECIFE**

**2025**

**NYKOLLE ARAÚJO CORDEIRO DE VASCONCELOS**

**MEMÓRIA COLETIVA E IDENTIDADE:** estudo de caso do bloco carnavalesco Os  
Caiporas de Pesqueira-PE

Monografia apresentada ao Departamento de  
Antropologia e Museologia da Universidade  
Federal de Pernambuco, como requisito para a  
aprovação na disciplina Trabalho de Conclusão  
de Curso II.

**Orientador:** Prof. Dr. Francisco Sá Barreto dos Santos

Recife

2025

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Vasconcelos, Nykolle Araújo Cordeiro de.

MEMÓRIA COLETIVA E IDENTIDADE: estudo de caso do bloco  
carnavalesco Os Caiporas de Pesqueira-PE / Nykolle Araújo Cordeiro de  
Vasconcelos. - Recife, 2025.

p. 59 : il.

Orientador(a): Francisco Sá Barreto dos Santos

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de  
Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Museologia -  
Bacharelado, 2025.

Inclui referências, apêndices, anexos.

1. Memória coletiva. 2. Identidade cultural. 3. Patrimônio imaterial. I. Santos,  
Francisco Sá Barreto dos. (Orientação). II. Título.

060 CDD (22.ed.)

NYKOLLE ARAÚJO CORDEIRO DE VASCONCELOS

**MEMÓRIA COLETIVA E IDENTIDADE:** estudo de caso do bloco carnavalesco Os  
Caiporas de Pesqueira-PE

Monografia apresentada ao Departamento de  
Antropologia e Museologia da Universidade  
Federal de Pernambuco, como requisito para a  
aprovação na disciplina Trabalho de Conclusão  
de Curso II.

Aprovado em: 17/12/2025

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Francisco Sá Barreto dos Santos (Orientador)

Universidade Federal de Pernambuco

---

Profa. Dra. Elaine Santana do Ó (Examinadora Externa)

Universidade Federal do Cariri

---

Ma. Tatiana Coelho da Paz Bezerra (Examinadora Externa)

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Dedico este trabalho a Dona Elizabeth, Dona Mércia e Stefhannie, três figuras importantes na minha formação como pessoa e acadêmica. São pessoas que admiro e que me acompanharam na jornada acadêmica, sempre me incentivando e me fortalecendo perante os desafios que surgiram no percurso da graduação.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a minha mãe, Mércia, e a minha irmã, Stefannie, que sempre me apoiaram nas minhas decisões, desde o ingresso na Museologia até a conclusão da graduação. Elas me orientaram em momentos nos quais considerei desistir, incentivando-me e sendo uma fonte constante de suporte emocional.

O agradecimento estende-se à minha avó materna, Maria Elizabeth, que sempre apoiou nossos estudos e, mesmo que não me reconheça mais, é uma mulher que continua me inspirando diariamente e que me proporcionou uma base excelente na vida, mesmo sem possuir alta escolaridade.

Sou grata também aos meus companheiros de graduação: Júlia, Maria Yasmin, João Emanoel, Karine, Lavignia e Thayssa. Eles me acompanharam em diversos momentos, transformando as adversidades em alegria e risadas. Estendo esse reconhecimento a Nayane e Nicoly, grandes amigas que, mesmo não cursando a mesma graduação, estiveram ao meu lado durante minha trajetória como universitária na Museologia e me guiaram inúmeras vezes.

Agradeço ao meu orientador, Francisco Sá Barreto, por ter aceito orientar minha pesquisa e a produção desta monografia. Sua orientação me proporcionou liberdade criativa e, ao mesmo tempo, me desafiou a melhorar minhas habilidades como pesquisadora.

Um agradecimento especial a todos os entrevistados e à organização do bloco Os Caiporas pela colaboração e disponibilidade. Vocês contribuíram imensamente para o desenvolvimento da pesquisa e da produção desta monografia.

Por fim, agradeço à minha psicóloga, Ana Paula, pois a terapia foi essencial para tornar o percurso da graduação e a produção do Trabalho de Conclusão de Curso um período mais gerenciável.

## **RESUMO**

O presente trabalho teve como objetivo analisar e compreender o processo de associação do Bloco Carnavalesco e Cultural Os Caiporas à identidade cultural pesqueirense. A partir dessa análise, a pesquisa investigou as implicações do processo de patrimonialização na preservação e perpetuação das práticas e memória da agremiação, bem como o papel da comunicação das ações culturais pelos órgãos municipais e estaduais na consolidação dessa identidade. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa para coleta de dados. O percurso metodológico consistiu na realização da revisão de literatura, na análise documental de materiais institucionais referentes ao bloco e ao processo de patrimonialização, e na realização de entrevistas semiestruturadas com o presidente do bloco, com um representante da Secretaria de Cultura e Turismo de Pesqueira e moradores locais. A discussão revelou que o bloco é reconhecido pela comunidade como parte da identidade cultural da cidade e da memória coletiva local. Ademais, o estudo evidenciou que o processo de patrimonialização e as ações de fomento e divulgação dos órgãos públicos reafirmam e legitimam Os Caiporas como representantes da cultura local, impulsionando sua visibilidade e sua perpetuação. O trabalho contribui para o estudo do patrimônio e suas implicações na socialidade das manifestações culturais e na construção da identidade cultural.

**Palavras-chave:** Memória coletiva; Identidade cultural; Patrimônio Imaterial;

## **ABSTRACT**

This study aimed to analyze and understand the process of association of the Bloco Carnavalesco e Cultural Os Caiporas with the cultural identity of Pesqueira. Based on this analysis, the research investigated the implications of the heritage listing process on the preservation and perpetuation of the group's practices and memory, as well as the role of cultural communication by municipal and state organizations in consolidating this identity. The research adopts a qualitative approach for data collection. The methodological path consisted of a literature review, documentary analysis of institutional materials regarding the group and the heritage process, and semi-structured interviews with the group's president, a representative from the Secretariat of Culture and Tourism of Pesqueira, and local residents. The discussion revealed that the community recognizes the group as a core element of the city's cultural identity and local collective memory. Furthermore, the study evidenced that the heritage listing process, along with the promotion and dissemination efforts by public agencies, reaffirms and legitimizes Os Caiporas as representatives of local culture, boosting their visibility and perpetuation. This work contributes to the study of the heritage listing process and its implications for the sociality of cultural manifestations and the construction of cultural identity.

**Keywords:** Collective Memory; Cultural Identity; Intangibles Cultural Heritage.

## **LISTA DE ILUSTRAÇÕES**

- Imagen 1 – Mapa da localização de Pesqueira (p. 25)
- Imagen 2 – Estátuas na principal entrada da cidade de Pesqueira, representando Nossa Senhora das Graças, uma mulher rendeira e um homem produzindo doces (p. 26)
- Imagen 3 – Multidão descendo a ladeira da antiga Fábrica Peixe, parte do circuito carnavalesco (p. 27)
- Imagen 4 – Os Caiporas e as Gatas Magas no primeiro desfile, em 3 de março de 1962 (p. 28)
- Imagen 5 – João Justino (Gilette) e Os Caiporas (p. 28)
- Imagen 6 – Monumento ao carnaval com Os Caiporas, As Cambindas Velhas e Os Cangaceiros em outra entrada da cidade de Pesqueira (p. 30)
- Imagen 7 – Os Caiporas reunidos em frente à sede do bloco (p. 33)
- Imagen 8 – Divulgação do carnaval de Pesqueira em 2023 (p. 35)
- Imagen 9 – Divulgação do carnaval de Pesqueira em 2024 (p. 36)
- Imagen 10 – Divulgação do carnaval de Pesqueira em 2025 (p. 36)
- Imagen 11 – Divulgação da identidade visual do carnaval de Pesqueira de 2026 (p. 37)

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

ALEPE	Assembleia Legislativa do Estado de Pernambuco
BCCOC	Bloco Carnavalesco e Cultural Os Caiporas
CEOM	Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina
CEPPC	Conselho Estadual de Preservação do Patrimônio Cultural
CNPJ	Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica
EMPETUR	Empresa de Turismo de Pernambuco
FUNDARPE	Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
FUNDARPE	Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco
PE	Pernambuco
PMP	Prefeitura Municipal de Pesqueira
PNAB	Política Nacional Aldir Blanc de Fomento à Cultura
PNPI	Programa Nacional do Patrimônio Imaterial
SECULT-PE	Secretaria de Cultura
SPG	Secretaria de Planejamento e Gestão
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>2</b>	<b>REFERENCIAL TEÓRICO.....</b>	<b>14</b>
2.1	A noção de patrimônio.....	14
2.2	O papel da oralidade na cultura popular.....	17
2.3	Conexões entre a cultura material e a imaterialidade.....	18
2.4	As tribos urbanas e a socialidade.....	19
2.5	A memória coletiva.....	20
2.6	Ligações com o bloco.....	22
<b>3</b>	<b>TRAJETÓRIA DO BLOCO NA CIDADE E O PROCESSO DE PATRIMONIALIZAÇÃO.....</b>	<b>24</b>
3.1	Contexto geográfico e histórico da cidade de Pesqueira.....	24
3.2	História do bloco.....	27
3.3	A patrimonialização do bloco .....	31
<b>4</b>	<b>O BLOCO COMO PARTE DA IDENTIDADE PESQUEIRENSE.....</b>	<b>34</b>
4.1	Os Caiporas como representantes culturais da cidade.....	34
4.2	Relação comunidade-bloco.....	37
4.3	Análise e discussão dos dados.....	38
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>43</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>45</b>
	<b>APÊNDICES.....</b>	<b>51</b>
	<b>ANEXOS.....</b>	<b>55</b>

## 1. INTRODUÇÃO

O Bloco Carnavalesco e Cultural Os Caiporas de Pesqueira foi fundado em 1962 no bairro do Prado, em Pesqueira, município situado no agreste pernambucano, a 215 quilômetros da capital, Recife. O bloco se inspira na lenda do caipora, que é parte do imaginário local e perpetuada através da oralidade, nela, a entidade atua como protetora da mata e de seus animais, demandando oferendas para permitir a entrada segura e a caça responsável na floresta. A indumentária dos participantes da agremiação é composta por máscaras de estopa, que possuem caretas pintadas e o uso de ternos coloridos.

Após 55 anos de desfiles marcados pela irreverência, o bloco foi reconhecido como patrimônio cultural imaterial de Pernambuco, sendo registrado em 2017. Em 2024, a agremiação foi nomeada como patrimônio vivo de Pernambuco em conjunto com outras 9 manifestações culturais após classificação no 19º Concurso de Patrimônio Vivo de Pernambuco.

O bloco tem forte presença na cidade, sendo referenciado pela prefeitura durante o período carnavalesco, que denomina o festejo como “O Carnaval dos Caiporas”. A agremiação também é representada em produções imagéticas da cidade, como em um monumento em uma das entradas do município. Atualmente, o bloco é administrado por familiares dos fundadores e se mantém através dos incentivos destinados aos Patrimônios Vivos de Pernambuco, além dos cachês de eventos dos quais participa durante o decorrer do ano.

Neste contexto, o estudo desta manifestação cultural e do seu processo de patrimonialização nos possibilita compreender a influência da agremiação na socialidade e na memória coletiva local.

Este trabalho teve como objetivo principal analisar e compreender como o bloco foi associado à identidade pesqueirense, atuando como um modulador desta. A partir dessa análise, buscou-se investigar os impactos e implicações das ações de fomento aos patrimônios imateriais na preservação e perpetuação dessas práticas. Além disso, o estudo analisou a relação comunidade-bloco, bem como a conexão entre a comunicação dos órgãos municipais e a associação do bloco à identidade pesqueirense.

A escolha do objeto de estudo foi motivada pela familiaridade da pesquisadora com a agremiação, dada sua naturalidade pesqueirense e observação do bloco durante o período carnavalesco. Somado a esses fatores, o interesse acadêmico na relação entre memória e

identidade, provocado pela experiência pessoal com o quadro clínico de Alzheimer de sua avó materna, também influenciou na delimitação da temática e objeto desta pesquisa.

A pertinência da pesquisa reside no interesse acadêmico acerca da temática do patrimônio imaterial, área na qual há diversos estudos de caso que abarcam sua relação com a identidade. Tal interesse é impulsionado pela elaboração de editais e políticas de fomento que possuem como finalidade a salvaguarda e a divulgação de manifestações culturais. Ademais, evidencia-se a necessidade de refletir sobre a patrimonialização de “práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas” (Unesco, 2006, p. 4) e como esse processo afeta tais manifestações e sua socialização junto à comunidade em que estão inseridas.

Para fundamentar o argumento de que o bloco Os Caiporas está ligado à identidade pesqueirense, adotou-se uma abordagem qualitativa para a coleta de dados. Por meio dessa metodologia e dos dados coletados, constatou-se que tal associação não decorre apenas de sua atuação na cidade durante os festejos, mas é também impulsionada pelos processos de patrimonialização e pela comunicação cultural municipal. Tais ações conferem legitimidade à agremiação e proporcionam maior visibilidade através dos eventos e divulgações nos meios de comunicação, o que fortalece sua incorporação na memória coletiva e identidade local.

Esta abordagem visou compreender o cenário em que o bloco e a comunidade pesqueirense estão inseridos, investigando se tais manifestações são adotadas como parte da identidade cultural pelos moradores. A escolha dessa perspectiva de estudo buscou valorizar a subjetividade e os diversos pontos de vista (Guerra *et al.*, 2024) sobre os significados que a agremiação, e patrimônio imaterial, representa para a população local.

A princípio, realizou-se uma revisão de literatura fundamentada em produções acadêmicas recentes e em autores consolidados que abordam as temáticas de patrimônio imaterial, identidade cultural, processos de patrimonialização, cultura popular, memória e socialidade. Em seguida, executou-se uma análise documental dos registros disponibilizados pela organização do bloco carnavalesco, bem como de documentos institucionais e legislativos referentes ao processo de patrimonialização e de materiais de divulgação cultural da Prefeitura Municipal de Pesqueira.

Para a obtenção de dados acerca da história do bloco, dos processos de patrimonialização e da percepção dos moradores, realizaram-se também entrevistas semiestruturadas com quatro participantes: o presidente do bloco, Aristóteles Rodrigues de Melo; o Chefe da Divisão Cultural da Secretaria de Cultura e Turismo, Renan Melo; e duas moradoras locais, identificadas pelos nomes fictícios de Rebeca e Bianca. As entrevistas

foram conduzidas durante os meses de agosto e setembro de 2025, tanto *in loco* quanto de forma remota, via Google Meet.

A estrutura desta monografia organiza-se em cinco seções, incluindo a introdução e as considerações finais. A primeira seção introduz o aporte teórico essencial à compreensão do objeto e ao desenvolvimento da análise, abordando a noção de patrimônio compreendida pelo campo patrimonial e pelos órgãos de salvaguarda, o conceito de cultura popular e a importância da oralidade nos seus processos de socialização, além da confluência entre a cultura material e a imaterialidade, o neotribalismo e a memória coletiva.

A segunda seção oferece uma contextualização do município de Pesqueira, situando o leitor no ambiente em que o bloco está inserido e na conjuntura temporal de seu surgimento, além de abarcar outros elementos relevantes para a compreensão da identidade multicultural pesqueirense. Subsequente, a segunda subseção detalha a trajetória do bloco perpassando o processo de patrimonialização em 2017 até a obtenção do título de Patrimônio Vivo de Pernambuco, em 2024.

A terceira seção subdivide-se em três partes. A primeira expõe como o uso da identidade visual da agremiação em programações e divulgações das ações culturais, nos âmbitos municipal e estadual, impactam na associação do bloco à identidade pesqueirense por parte da população local e dos turistas. A segunda subseção aborda a relação comunidade-bloco, investigando se Os Caiporas são percebidos como parte da identidade cultural pelos moradores e como isso se manifesta. A terceira e última parte consiste no cruzamento e na análise dos dados à luz do referencial teórico, visando à consolidação do argumento da pesquisa.

Por fim, nas considerações finais, reitera-se o objetivo central do estudo e apresenta-se uma síntese das discussões desenvolvidas no decorrer da monografia, expondo as limitações encontradas durante o desenvolvimento da pesquisa. Ademais, propõem-se sugestões acerca de temáticas e pesquisas que podem ser desenvolvidas a partir deste estudo.

## 2. REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 A noção de patrimônio

O termo patrimônio advém do substantivo em latim *patrimonium* que significava, originalmente, os bens herdados dos genitores. Entretanto, a partir da Revolução Francesa, a noção de patrimônio foi ampliada, passando a designar também os bens imóveis, sendo confundida por vezes com a compreensão de monumentos históricos (Desvallées *et al.*, 2014) nos quais “seu sentido original, é uma construção condenada a perpetuar a lembrança de alguém ou de alguma coisa” (Desvallées *et al.*, 2014, p. 73). Em vista disso, a noção de patrimônio passou a ser entendida como instrumento de preservação da memória coletiva e a uma ideia de potencial perda desta.

A partir da segunda metade do século XX, a compreensão que se tinha sobre patrimônio foi expandida, passando a abranger diversas tipologias de testemunhos materiais sobre a vivência humana e o meio em que estamos inseridos, como o folclore e a produção científica (Desvallées *et al.*, 2014). Esse movimento apontou para uma gradual abertura do campo patrimonial para outras formas de expressão cultural.

Dessa forma, os objetos, saberes e práticas que fazem parte das dinâmicas sociais dos grupos e comunidades, atravessando suas relações e estando intimamente ligados à memória coletiva e à identidade desses coletivos, passam a ser patrimonializados como forma de salvaguardar e, consequentemente, legitimar essas identidades. Nessa perspectiva, a Constituição Federal de 1988, no artigo 216, define que:

“Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: I - as formas de expressão; II - os modos de criar, fazer e viver; [...]”  
(Brasil, 1988, p. 197)

A carta magna determina que as produções tangíveis e imóveis de caráter histórico, artístico, paisagístico e *etc.* são compreendidas como patrimônio material. Já o patrimônio imaterial abrange os saberes, as danças, os costumes e os objetos relacionados à manutenção dessas práticas. Nesse contexto, o processo de patrimonialização de bens materiais é realizado através do tombamento e deve ser registrado em um dos quatro livros de tombo: o Livro do Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico; o Livro do Tombo Histórico; o Livro do Tombo das Belas Artes e o Livro do Tombo das Artes Aplicadas. Quanto aos bens de caráter imaterial, a salvaguarda é realizada por meio do registro em um dos quatro livros de registro

(Celebrações, Saberes, Formas de Expressão e Lugares) e pelo Programa Nacional do Patrimônio Imaterial (PNPI), criado em 4 de agosto de 2000 por meio do Decreto nº 3.551/2000, que promove ações de:

“[...] identificação, reconhecimento, salvaguarda e promoção da dimensão imaterial do Patrimônio Cultural Brasileiro, com respeito e proteção dos direitos difusos ou coletivos relativos à preservação e ao uso desse bem.” (Brasil, 2020)

A compreensão do patrimônio imaterial como entendemos hoje, foi consolidada na Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial, evento promovido pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), realizado em Paris no ano de 2003. A definição aprovada na convenção sofreu influência de concepções culturais de países não ocidentais – que reverberaram devido à globalização – como a China e Japão, que priorizavam a transmissão dos saberes, técnicas e práticas (Desvallées *et al.*, 2014). Segundo a UNESCO:

“Entende-se por ‘patrimônio cultural imaterial’ as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas - junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados - que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural.” (Unesco, 2006, p. 4)

“O ‘patrimônio cultural imaterial’, conforme definido no parágrafo 1 acima, se manifesta em particular nos seguintes campos: a) tradições e expressões orais, incluindo o idioma como veículo do patrimônio cultural imaterial; b) expressões artísticas; c) práticas sociais, rituais e atos festivos; [...].” (Unesco, 2006, pp. 4-5)

Apesar de importante para o reconhecimento e valorização de culturas locais, o processo de patrimonialização é atravessado por contradições, tensões e disputas de poder. Em diversos casos, a lógica de mercado invade espaços que foram tombados e valorizados, transformando-os em pontos turísticos. Essa valorização atrai comércio e investimentos que podem elevar o custo de vida no local e causar o afastamento dos moradores que não conseguem acompanhar a demanda financeira, provocando processos de gentrificação – como ocorre no Sítio Histórico de Olinda<sup>1</sup>.

Da mesma maneira, as manifestações culturais, como festas populares, por exemplo, podem ser moldadas para se adaptar a uma lógica comercial. Esse movimento resulta na perda da autenticidade dessas manifestações culturais em favor de uma experiência turística e lucrativa.

---

<sup>1</sup> Este panorama é discutido por Santana do Ó e Faulhaber no artigo intitulado “Eles não deixam eu morar aqui”: *trabalhadores da cultura e a face sombria da gentrificação no Sítio Histórico de Olinda*, publicado na revista Cadernos do CEOM, vinculada à Unochapecó, em 2024.

Além disso, há também obstáculos decorrentes da globalização, que homogeneiza as experiências culturais e enfraquece o elo e interesse por práticas tradicionais, especialmente nos centros urbanos. Ademais, a burocratização dos processos de reconhecimento no campo patrimonial, impactam no acesso de comunidades e povos tradicionais a instrumentos de salvaguarda, em especial quando não há representantes instruídos no que se refere à tecnicidade e conhecimento legais necessários para inscrição em editais.

Entre as dificuldades para a salvaguarda do patrimônio cultural, em especial o imaterial, destaco a maior susceptibilidade a mudanças, decorrente da dinamicidade da cultura e das adaptações feitas por parte das comunidades ao interagir com o ambiente em que estão inseridas (Unesco, 2006), bem como das relações humanas que o permeiam. Essas adaptações são importantes visto que contribuem para a sensação de pertencimento e identidade desses grupos (Unesco, 2006), os quais se transformam conforme o passar do tempo e são também influenciadas pelo momento político em que estão situados. Somado a isso, o possível desaparecimento dessas manifestações em razão da finitude da vida humana também se apresenta como fator significativo na legislação patrimonial.

Dessa forma, a elaboração de políticas culturais e criação de programas de incentivo e salvaguarda do patrimônio cultural imaterial se mostram essenciais. Nesse âmbito, novas leis e emendas constitucionais têm sido elaboradas e aprovadas, considerando as demandas e especificidades dessa tipologia de patrimônio, não contempladas em legislações pregressas.

Nessa perspectiva, o governo de Pernambuco instituiu a política de Registro do Patrimônio Vivo do Estado de Pernambuco pela Lei nº 12.196, de 2 de maio de 2002. Definem-se como patrimônios vivos os indivíduos ou coletivos que, baseados principalmente na oralidade, compartilham e mantêm vivas as tradições, danças e saberes locais (Pernambuco, 2024), garantindo que o saber-fazer seja transmitido para novas gerações. O processo de registro é composto por cinco etapas e prevê subsídio mensal aos mestres e grupos culturais reconhecidos no edital do ano, a cada edição dez mestres são reconhecidos (Pernambuco, 2024).

No 19º Concurso Público do Registro do Patrimônio Vivo de Pernambuco, realizado em 2024, o Bloco Carnavalesco e Cultural Os Caiporas de Pesqueira foi registrado como patrimônio vivo. O resultado do edital foi divulgado na Resolução nº 07/2024, publicada no Portal Cultura-PE. No mesmo site, também está o catálogo de todos os patrimônios vivos registrados no ano referido, incluindo sua história e importância na cultura pernambucana.

Conforme destacado no catálogo, o registro como patrimônio vivo é importante para a manutenção dessas manifestações culturais, pois com os subsídios mensais, os mestres e

coletivos podem se sustentar e realizar manutenção das roupas e dos demais gastos inclusos na perpetuação dessas práticas. O incentivo financeiro se mostra relevante para a manutenção dessa tipologia de patrimônio, que é vulnerável por depender da tradição oral, do “brincar” e de outras práticas desenvolvidas a partir dela. Ao depender desses fatores, tais saberes podem ser comprometidos caso mestres e coletivos precisem buscar outras fontes de renda, deixando a partilha destes em segundo plano.

Um exemplo dessa dinâmica é o bloco Os Caiporas. Assim como diversas manifestações da cultura popular, a origem da agremiação parte de uma lenda local, que moldou a visualidade e o comportamento de seus participantes. A prática da oralidade permitiu a preservação da tradição por décadas entre os familiares dos fundadores, culminando no estabelecimento e reconhecimento do bloco como parte da identidade pesqueirense.

## **2.2 O papel da oralidade na cultura popular**

A oralidade, neste contexto, é um elemento importante na cultura popular, pois é através dos mitos, lendas e causos que diversas relações sociais são estabelecidas. Ela consiste no compartilhamento de experiências passadas e na transmissão de um imaginário, que intermedia nossa relação com a realidade (Souza; Lima; Silva, 2024). Nesse âmbito, Souza, Lima e Silva declaram:

“As lendas conectam-se com a dimensão transcendental de uma determinada cultura, integrando-se a esta como importante material poético. As lendas tratam das origens e dos destinos das pessoas, das coisas e dos eventos, constituindo uma série de versões explicativas para os eventos humanos e fenômenos naturais. A principal característica das lendas é a configuração orgânica entre que é natural e o que não é natural; toda lenda consiste em uma qualidade ‘sobrenatural’ que está além da natureza, pode-se dizer: além da realidade, conforme ensina Cascudo (1984).” (Souza; Lima; Silva, 2024, p. 171)

É relevante mencionar que essas narrativas não são estáticas no tempo, se reinventam sincronicamente com a cultura, acompanhando as mudanças que acontecem na esfera social e política. Na cultura popular, elas são perpetuadas e recriadas constantemente, se adaptando a tipologia de arte utilizada para difundi-la, como as danças, contos, artesanato e *etc.* os quais diversos já são reconhecidos como patrimônios imateriais. Nesse sentido, Bertagnolli acrescenta:

“A cultura tradicional e popular é um conjunto de criações que emanam de uma comunidade cultural fundada na tradição, expressas por um grupo ou por indivíduos e que reconhecidamente respondem às expectativas da comunidade enquanto expressão de sua identidade cultural e social; as normas e os valores se transmitem oralmente, por imitação ou de outras maneiras.” (Bertagnolli, 2015, p. 50)

Portanto, as lendas, sendo construções simbólicas presentes na cultura, não apenas preservam narrativas do passado, mas também interagem com o presente por meio de ressignificações. Elas se mantêm vivas por meio das manifestações culturais e das relações que as permeiam, exercendo papel importante na construção da memória coletiva e identidade, como o caso do Bloco Carnavalesco e Cultural Os Caiporas. Em consonância com essas narrativas, e a partir delas, há a dimensão material que traduz para o mundo físico esses elementos intangíveis, servindo como alegoria e forma de reforçar os elementos e símbolos presentes nas lendas.

### **2.3 Conexões entre cultura material e imaterialidade**

Para aprofundar a compreensão da relação entre materialidade e o patrimônio imaterial, utilizei a obra *Trecos, Troços e Coisas: estudos antropológicos sobre a cultura material*, do antropólogo Daniel Miller (2013). Nela, o autor reflete sobre o que pode ser considerado treco e cultura material a partir de uma abordagem que não trata os trecos de forma isolada, e sim “percebendo a relação existente entre os objetos” (Braga, 2014, p. 240). Dessa forma, ele evidencia o papel simbólico dos objetos no cotidiano e nas relações humanas, contrapondo-se à dicotomia entre sujeito e objeto.

Ainda sobre cultura material, Miller afirma:

“A intenção aqui é substituir a teoria dos trecos como representação por trecos como parte do processo de objetificação e de autoalienação. Trata-se da teoria que dará forma à ideia de que os objetos nos fazem como parte do processo pelo qual os fazemos. Da teoria de que, em última análise, não há separação entre sujeitos e objetos.” (Miller, 2013, p. 92)

A partir dessa perspectiva, é possível compreender como a cultura material está imbricada no patrimônio cultural imaterial. Ao revisitarmos a definição da UNESCO (2006), que inclui os objetos e artefatos vinculados aos saberes das comunidades no escopo do patrimônio imaterial, percebe-se que há uma relação de interdependência entre objeto (material) e prática (imaterial): o objeto não existe sem o saber necessário para sua produção, e o rito não se completa sem o suporte da materialidade.

Assim, a compreensão do patrimônio cultural imaterial deve ser feita de forma integrada, abrangendo as suas dimensões materiais pois são indissociáveis da parte simbólica. A união de elementos como a oralidade e a cultura material formam grupos e atraem pessoas através de suas afetividades, a exemplo do bloco Os Caiporas. Nesse contexto, a cultura material não só acompanha o imaterial, mas o constitui, mostrando-se também essencial na construção e perpetuação da memória coletiva e identidade. É essa coletividade e formação de “tribos” que aglomeram variados tipos de indivíduos, unindo-os através de suas afetividades nos carnavalescos e festivos, o que fundamenta a teoria de Michel Maffesoli.

## **2.4 As tribos urbanas e a socialidade**

Em “O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa”, Michel Maffesoli (1998) propõe uma teoria sobre o tribalismo e a socialidade na sociedade pós-moderna. Esta se manifesta como uma saturação do indivíduo, que abandona a mentalidade racionalista da Modernidade e a sociabilidade fundamentada no contrato e na razão, onde o social é institucionalizado (Castro, 2016).

No contexto pós-moderno, Maffesoli (1998) identifica o neotribalismo, termo utilizado para tratar da organização dos grupos urbanos fundamentada na afinidade. Esse modo de socialidade é dinâmico, corpo a corpo (Maffesoli, 1998), espontâneo, efêmero, circunstancial e não é atravessado pela rigidez de projeções morais (Castro, 2016). É através da identificação que corpos e vidas se entrelaçam na multidão nodosa e não possuem uma motivação política para tal (Maffesoli, 1998).

Relativo às características do neotribalismo, Maffesoli afirma:

“[...] ao contrário da estabilidade induzida pelo tribalismo clássico, o neotribalismo é caracterizado pela fluidez, pelos ajuntamentos pontuais e pela dispersão. E é assim que podemos descrever o espetáculo da rua nas megalópoles modernas.” (Maffesoli, 1998, p. 107)

Nesse sentido, a socialidade no neotribalismo é caracterizada pela fluidez e por um movimento de vai e vem (Maffesoli, 1998) entre os grupos, onde os ideais e trajetórias individuais estabelecem elos que, apesar de serem “tão frágeis, mas que, no seu momento, são objeto de forte envolvimento emocional” (Maffesoli, 1998, p. 107), acarretam na atomização do individualismo.

Ainda sobre o funcionamento das comunidades, ou tribos, a estética revela-se como elemento agregador, ela possibilita o processo de identificação e reconhecimento grupal. Nesse sentido, o autor aponta:

"Em todo caso, os matizes da vestimenta, os cabelos multicoloridos e outras manifestações punk, servem de cimento. A teatralidade instaura e reafirma a comunidade. O culto do corpo, os jogos da aparência, só valem porque se inscrevem numa cena ampla onde cada um é, ao mesmo tempo, ator e espectador." (Maffesoli, 1998, p. 108)

A teatralidade impulsiona essa relação tátil de corpo a corpo e o calor humano nas multidões nos conecta. Acerca desses pontos, Maffesoli destaca:

"O paradoxismo do carnaval, sua teatralidade e sua tactilidade exacerbadas fazem ressaltar, com força, o mecanismo que estamos tentando apreender: a lâmina profunda das multidões e, no seio desta, as pequenas nodosidades que se formam, que agem e interagem umas com as outras. O espetáculo, nessas diversas modulações, assegura uma função de comunhão. Circo e círculo têm a mesma origem etimológica. E, de maneira metafórica, podemos dizer que se reforçam reciprocamente. Ora, o que caracteriza nossa época é o entrecruzamento flexível de uma multiplicidade de círculos cuja articulação forma as figuras da socialidade." (Maffesoli, 1998, p. 109)

A articulação desses elementos evidencia outro aspecto da socialidade: a religiosidade. Nesse contexto, Maffesoli retoma o termo religião a partir do significado *religare* (religar), no sentido de reconexão. A escolha desse sentido pretende:

"[...] descrever a ligação orgânica dentro da qual interagem a natureza, a sociedade, os grupos e a massa. Retomando uma imagem anterior, diria que se trata de uma nebulosa. Esta como toda nebulosidade (radioativa?) vai-e-vem, talvez esteja sempre aí, mas tendo maior ou menor efeito sobre o imaginário coletivo." (Maffesoli, 1998, p. 109)

Nessa perspectiva, o autor ressalta que o *homo sapiens* não existe de forma isolada, e é através de sistemas como a cultura e a comunicação, por exemplo, que as comunidades se instituem (Maffesoli, 1998). A convivência de diversos círculos nessas comunidades, a partir de ideais comuns, evidencia a importância das relações, da afetividade e da tatividade como aglutinadores sociais. Essa organização das tribos urbanas e a socialidade influenciam na memória coletiva, ao ponto de, no caso dos Caiporas, a identidade pesqueirense e o carnaval da cidade estarem associados ao bloco. Diante disso, para compreensão e análise de como a memória coletiva é formada e das narrativas que a atravessam nesse processo, recorre-se ao texto de Andreas Huyssen.

## 2.5 A memória coletiva

Em seu texto “Escapando da Amnésia: o museu como cultura de massa”, Huyssen (1997) propõe uma reflexão crítica sobre a memória na pós-modernidade, versando sobre seus usos sociais em articulação com as mudanças na forma de operação dos museus no contexto cultural do final do século XX. O autor analisa como as instituições museológicas, associadas à preservação do passado de forma estática, atuando como um espaço “mumificador” dos objetos, transformaram-se em equipamentos culturais inseridos na lógica da cultura de massa, tornando-se lojas de departamento com patrocinadores (Huyssen, 1997).

Ainda que o enfoque do autor seja na atuação dos museus como agentes na produção de sentidos, assim como na perpetuação da memória coletiva, o debate pode ser ampliado para o campo patrimonial visto que tanto os museus como o processo de patrimonialização possuem a função de legitimar determinadas memórias e narrativas em detrimento de outras. Nessa perspectiva, o processo de patrimonialização não é neutro, ele possui um peso simbólico e político ao salvaguardar e fomentar determinadas narrativas, operando a partir de interesses políticos, sociais e econômicos. Huyssen reforça essa premissa ao argumentar que a memória coletiva não é neutra, sendo atravessada pelo “discurso do presente e a partir dos interesses presentes” (Huyssen, 1997, p. 225) e pelo repertório do espectador:

“Na esteira da história e da cultura, a partir do século XVIII foi surgindo um número crescente de objetos e fenômenos, incluindo aí os movimentos de arte, obsoletos a cada volta mais rápida; os museus foram criados para serem instituições pragmáticas que colecionam, salvam e preservam aquilo que foi lançado aos estragos da modernização. Mas, ao se fazer isso, o passado inevitavelmente seria construído à luz do discurso do presente e a partir dos interesses presentes. Fundamentalmente dialético, o museu serve tanto como uma câmara mortuária do passado - com tudo que acarreta em termos de decadência, erosão e esquecimento - quanto como um lugar de possíveis ressurreições, embora mediadas e contaminadas pelos olhos do espectador. Não importa o quanto museu, consciente ou inconscientemente, produz e afirma a ordem simbólica, pois sempre haverá uma sobra de significados que excedem o conjunto das fronteiras ideológicas, abrindo assim um espaço para a reflexão e a memória contra-hegemônica.” (Huyssen, 1997, p. 225)

Esse trecho evidencia a essência dialética dos museus, visto que são espaços onde há, simultaneamente, a preservação e o esquecimento, a sacralização e o questionamento. O mesmo se aplica ao campo patrimonial e ao processo de patrimonialização, onde não há neutralidade e nem a tecnicidade pura, ambos são marcados por disputas de poder e negociações entre quais passados serão preservados e de que forma isso será feito.

Estabelecendo conexões entre o presente e o passado, entre o sujeito contemporâneo e a memória social, os instrumentos patrimoniais exercem a função não apenas de mediadores mas também de construtores de sentidos. Esse processo é vivo (Huyssen, 1997), dinâmico e se readapta baseado em demandas presentes.

Em outra passagem, o autor expande sua crítica a noção dos museus como “instituições mumificadoras” (Huyssen, 1997, p. 226), propondo uma compreensão mais completa e complexa da sua função:

"O discurso contra os anti-museus prevalece entre os intelectuais, alguns veem o museu até como nosso próprio *memento mori*, e mais como uma forma de realçar a vida do que como uma instituição mumificadora numa época empenhada na negação destruidora da morte: o museu, então, se mantém como um espaço e um campo de reflexões sobre a temporalidade, a subjetividade, a identidade e a alteridade." (Huyssen, 1997, p. 226)

Essa perspectiva reafirma o papel dos museus e do patrimônio como agentes que atuam sobre a produção simbólica, articulando e mediando a relação do sujeito com o passado através de uma memória coletiva, definindo o que deve ser lembrado e esquecido. À vista disso, a patrimonialização, mesmo que atravessada por disputas de poder e exclusões, é política e também parte importante na construção da memória coletiva de uma comunidade.

## **2.6 Ligações com o bloco**

As teorias e definições apresentadas acima buscam dar conta das singularidades que envolvem o bloco carnavalesco e patrimônio imaterial Os Caiporas, analisando sua trajetória e influência na identidade cultural e memória coletiva da cidade de Pesqueira.

O entendimento do conceito de patrimônio, especificamente o imaterial, assim como do processo de registro como patrimônio imaterial e vivo, mostram-se essenciais para a compreensão da dimensão do bloco e de sua importância como modulador da identidade pesqueirense. Nesse sentido, também é relevante avaliar o impacto da patrimonialização do bloco na sua atuação na cidade.

A teoria da cultura material de Daniel Miller (2013) também agrega à discussão, visto que os participantes do bloco utilizam máscaras e vestimentas singulares, que os destacam dos demais, criando uma identidade visual única. Esta materialidade influencia na irreverência e comportamento dos membros, proporcionados pelo anonimato das roupas e “regras” inerentes ao “ser caipora”. A materialidade dos objetos, o estandarte, a vestimenta, ou “armadura”, como alguns participantes a denominam, é intrínseca à imaterialidade do bloco e a constituição do sujeito como parte do grupo Os Caiporas.

As teorias de neotribalismo e memória coletiva, em conjunto com a análise da lenda e o papel da oralidade na cultura popular se inter-relacionam em diversos aspectos. No caso do bloco, esses elementos auxiliam a compreender como sua criação, com base em uma lenda, e

atuação na cidade, o tornam uma tribo urbana que age na memória coletiva, associando-se à identidade cultural local.

### **3. TRAJETÓRIA DO BLOCO NA CIDADE E O PROCESSO DE PATRIMONIALIZAÇÃO**

#### **3.1 Contexto geográfico e histórico da cidade de Pesqueira**

Localizada no agreste pernambucano, a 215 quilômetros da capital Recife, Pesqueira possui uma população de 62.722 habitantes (IBGE, 2022), onde os nascidos na cidade são chamados de pesqueirenses.

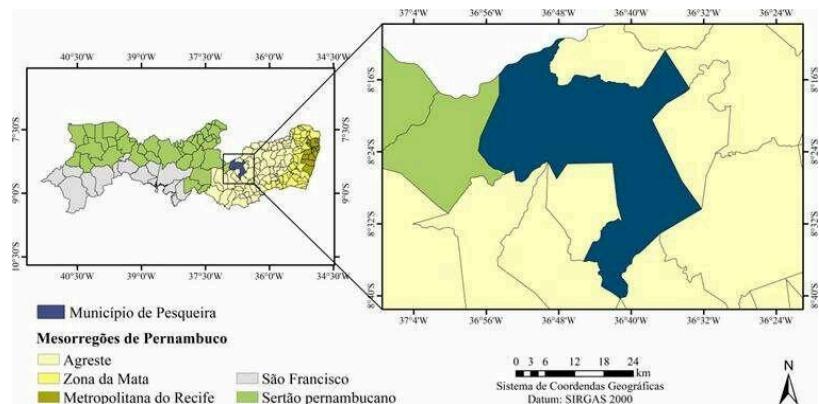
A cidade originou-se da transferência da sede da Vila de Cimbres, declarada como tal em 1762, para o território da Fazenda do Poço de Pesqueira, propriedade fundada em 1800 pelo capitão-mor Manoel José de Siqueira (Lacerda, 2010) e planejada para ser a futura sede da vila. O nome “Pesqueira” foi concebido em referência a um poço da região que possuía uma grande quantidade de pescado (Pernambuco, [s.d.], p. 1).

Em 1836, através da Lei provincial nº 20 de 13 de maio, a transferência da sede da vila de Cimbres para Pesqueira foi efetuada. Posteriormente, Pesqueira foi elevada da categoria de vila para cidade em 1880, por meio da Lei provincial nº 1.484, de 20 de abril do mesmo ano, sendo nomeada Santa Águeda de Pesqueira, mas apenas o último nome permaneceu. A partir dessa conjuntura, o município de Pesqueira adquiriu autonomia legislativa em 1893:

“Em decorrência do regime republicano, o município de Pesqueira foi constituído no dia 04 de março de 1893, adquirindo autonomia legislativa, com base na Constituição Estadual e no art. 2º das disposições gerais da Lei Estadual nº 52 (Lei Orgânica dos Municípios), de 03 de agosto de 1892, promulgada durante o governo de Alexandre José Barbosa Lima.” (Pernambuco, [s. d.], p. 1)

A cidade é cercada pela Serra do Ororubá, território indígena que abriga mais 20 aldeias da etnia Xukuru (Instituto Socioambiental, 2021). O local foi, historicamente, palco de disputas pela retomada das terras no século XX (Silva; Barros, 2022). Esses conflitos ocasionaram no assassinato de diversos indigenas, incluindo Francisco de Assis Araújo, conhecido como Cacique Chicão, uma figura emblemática da luta, morto em maio de 1998 a mando de um fazendeiro. Além dos Xukurus, o município também é integrado pela comunidade quilombola Negros do Osso no Sítio Serra da Cruz.

Imagen 1: Mapa da localização de Pesqueira.



Fonte: Silva; Costa, 2021.

Com 145 anos em 2025, Pesqueira é conhecida por ser a “terra da graça, do doce e da renda”, frase emblemática associada à cidade. A referência à “graça” está ligada à aparição de Nossa Senhora das Graças em 1936 no distrito de Cimbres. A “renda”, por sua vez, relaciona-se à atividade da renda renascença, confeccionada por muitas mulheres rendeiras na cidade.

A alusão ao “doce” remete ao seu passado industrial, com diversas fábricas alimentícias operando na cidade. A Fábrica Indústrias Carlos Brito, popularmente conhecida como Fábrica Peixe, foi fundada em 1898 e, inicialmente, produzia goiabada, passando, após alguns anos, a produzir molho de tomate. A Peixe prosperou principalmente entre as décadas de 1910 a 1930, tendo falido e encerrado suas atividades em 1999 (Oliveira, 2019).

A fábrica impulsionou a economia local, trouxe tecnologia e provocou a criação de outras fábricas na cidade, como a sua concorrente mais famosa, a fábrica de doces Rosa. Em 2013, foi inaugurado o Museu do Doce no local da antiga Fábrica Rosa, ele conta a história e a tradição da produção de doces na cidade, possuindo como acervo o antigo maquinário das fábricas.

Imagen 2: Estátuas na principal entrada da cidade de Pesqueira, representando Nossa Senhora das Graças, uma mulher rendeira e um homem produzindo doces.



Fonte: Prefeitura de Pesqueira, 2024.

Em 1931, foi fundado o Clube dos 50, um clube social criado por cinquenta famílias financeiramente abastadas da cidade (Lacerda, 2010), onde o acesso a eventos e atividades era restrito a associados e seus convidados. Esse cenário de exclusividade impulsionou a criação de outros grupos e agremiações com o propósito de entretenimento durante o período carnavalesco, estabelecendo uma divisão entre o carnaval de clubes e o carnaval de rua (Lacerda, 2010), com suas troças<sup>2</sup> e blocos. Nesse contexto, entre os blocos que surgiram, estavam Os Caiporas:

"O Lira da Tarde, como exemplo, era um bloco que saia do reduto mais humilde da arrastando numerosos foliões. Os Caiporas, outro antigo grupo carnavalesco, representavam uma lenda existente que nas serranias de Ororubá existiam seres de rostos irreconhecíveis, que andavam pelas suas chapadas amedrontando os caçadores que por ali se aventuravam em perseguir a fauna do local. Eram verdadeiros guardiões da mãe natureza. Esses foliões, enquanto brincavam o tríduo momesco, prestavam uma homenagem a esses seres lendários." (Galindo, 1996, p. 104)

A partir desse momento, os Caiporas iniciam sua trajetória como parte importante no carnaval pesqueirense.

Imagen 3: Multidão descendo a ladeira da antiga Fábrica Peixe, parte do circuito carnavalesco.

---

<sup>2</sup> As troças são originadas a partir de brincadeiras e improviso, sendo caracterizadas pela organização mais livre (Lopes, 2025).



Fonte: Mendes, [s. d.].

### **3.2 História do bloco**

O Bloco Carnavalesco e Cultural Os Caiporas de Pesqueira, que atualmente detém o título de patrimônio vivo, teve seu início em uma mesa de bar. A ideia surgiu a partir de conversas na mercearia de Seu Irineu, no bairro do Prado, onde o jornalista Abnecéias, após algumas visitas ao Recife, sugeriu a ideia da criação de um bloco baseado em agremiações que observou na capital (BCCOC, 2025).

Inicialmente, a iniciativa de formar um bloco partiu do grupo de seis amigos que não desejavam mais brincar o carnaval fantasiados de mexicanos e *cowboys*, como era costume sob influência do cinema *hollywoodiano*. Os integrantes que estavam na mercearia e deram início à ideia do bloco eram: Irineu (conhecido como Neno), Antônio Eduardo, Luiz Feijão, Ivan, Antônio Florêncio e Abnecéias (BCCOC, 2025).

Os relatos de Abnecéias acerca dos blocos carnavalescos que observou no Recife, em conjunto com os desenhos feitos pelo filho de Luiz (inspirados na figura do caipora das lendas) e outras ideias discutidas pelo grupo, culminaram na criação dos Caiporas.

Assim, em 1962, o bloco Os Caiporas foi oficialmente criado e saiu pela primeira vez nas ruas de Pesqueira durante o mês de março. A agremiação partiu da sede da época, localizada no bairro do Prado, percorrendo o trajeto em frente a Paróquia da Imaculada Conceição – mais conhecida como Ladeira do Convento/Ladeira da Peixe, percurso conhecido no período carnavalesco – até a praça principal da cidade, a Praça Dom José Lopes.

Neste primeiro desfile, o bloco foi acompanhado pelas "Gatas Magas", grupo de amigos dos fundadores que desfilava atrás dos Caiporas. Eles tocavam instrumentos e trajavam roupas e máscaras pretas para se integrarem visualmente aos demais personagens.

Entre eles estavam João Justino (Gilete), Mario, Austriclino Sá Barreto, Antonio Moura e Pirinho. Atualmente, as Gatas Magas não acompanham mais o desfile, mas Aristóteles Rodrigues de Melo, o atual presidente do bloco, expressou que existem planos para retomar esses elementos das origens do agremiação<sup>3</sup>.

Imagen 4: Os Caiporas e as Gatas Magas no primeiro desfile, em 3 de março de 1962.



Fonte: Bloco Carnavalesco e Cultural Os Caiporas de Pesqueira, 2025.

Imagen 5: João Justino (Gilete) e Os Caiporas.



Fonte: Bloco Carnavalesco e Cultural Os Caiporas de Pesqueira, 2025.

Inicialmente, embora o nome, a visualidade, as vestimentas e o comportamento dos componentes do bloco sejam baseados na lenda do caipora, que possui diversas versões pelo

<sup>3</sup> Entrevista realizada em 28 de agosto de 2025.

Brasil e pela América Latina, não havia uma preocupação com os pormenores ou com a simbologia da lenda. De acordo com os dados coletados, esse cenário se reflete também no público que acompanha o bloco no carnaval e em outros períodos festivos, o qual, em grande parte, não conhece a fundo os detalhes da lenda. A iniciativa para a criação de um histórico que registrasse a trajetória do bloco e estabelecesse uma conexão com a lenda partiu da segunda geração de caiporas.

A lenda narra a figura da caipora, termo de etimologia tupi-guarani (*Kaapora*) que significa “aquilo ou quem vive no mato” (Brasil, [s.d.], p. 11). Geralmente, conta a história de uma entidade que assume a aparência corpórea humana e desempenha a função de guardiã das matas e da fauna local, apresentando características diferentes a depender do lugar ou cosmovisão do grupo ou etnia (Costa Neto; Santos-Fita; Aguiar, 2022).

Essas divergências manifestam-se tanto na aparência quanto na narrativa que a transforma ou a estabelece como ser místico. No entanto, em termos gerais, a caipora aceita oferendas de caçadores e de outros que adentram a mata, punindo aqueles que não pedem licença ou que caçam de forma desenfreada, desrespeitando os limites impostos, como a caça de filhotes e animais gestantes. Suas origens remontam ao período colonial (Costa Neto; Santos-Fita; Aguiar, 2022), onde “os primeiros relatos sobre a Caipora aparecem em documentos franceses do século XVI” (Cascudo, 1967 *apud* Costa Neto; Santos-Fita; Aguiar, 2022, p. 12).

A depender da versão da lenda, a figura pode se manifestar tanto na forma masculina quanto na feminina. Em alguns relatos, indígenas e sertanejos andavam pela mata com tochas acesas durante a noite para manter a entidade afastada. Essa narrativa também aparece, com algumas modificações, na cidade de Pesqueira, conforme afirma Lacerda:

“Conta-se entre os mais velhos que ‘tochas’ apareciam em cima de árvores, amedrontando as pessoas e prejudicando as caçadas noturnas. Esse fogo era chamado de caiporas, seres noturnos que pregavam peças em caçadores e cães.” (2010, p. 74)

Embora não se saiba qual versão serviu de inspiração para a visualidade do bloco, nem se nela há componentes que ultrapassam a narrativa mística, a indumentária dos participantes é composta por um paletó colorido e uma cabeça de estopa ou juta. Esta última possui caretas pintadas, atualmente presente em ambos os lados da máscara. As expressões dessas pinturas, em conjunto com a irreverência e comportamentos que remetem à figura das lendas, contribuem para a construção de uma imagem assustadora para parte do público.

Por um tempo, houve um misticismo envolvendo a lenda e o falecimento dos integrantes do bloco, segundo o qual "se um caipora não oferecesse cachaça ou fumo na mata,

um dos componentes morreria", declarou o presidente do bloco, em entrevista à Band Folia, em 2012. Essa misticidade fortaleceu-se à medida que os membros do bloco faleceram no decorrer dos anos. Ante essa "maldição", e pelo fato de a indumentária e linguagem corporal dos participantes assustarem o público, os integrantes remanescentes concordaram em encerrar as atividades da agremiação.

O bloco só retornou no final da década de 1980, com os filhos das duas primeiras gerações de caiporas. Além disso, a sede também mudou de endereço: antes localizava-se no bairro do Prado, e a partir desse momento passa a ser no bairro da Farroupilha, onde permanece até os dias atuais.

Nos primórdios, o bloco se manteve vivo na família dos fundadores, mas se estabeleceu como manifestação cultural importante e conhecida pelos moradores de Pesqueira por meio da presença nos carnavais, de sua irreverência e de seu visual singular.

Esse processo foi potencializado pelo incentivo por parte de órgãos municipais, como a Secretaria de Turismo (Lacerda, 2010), e pelo registro como patrimônio imaterial e vivo, nos anos de 2017 e 2024, respectivamente. Somada a isso, está a produção imagética acerca do bloco na cidade, como cartões-postais, pequenos bonecos e a construção de um monumento em homenagem aos principais símbolos do carnaval local. Localizado em uma das entradas da cidade, o monumento homenageia Os Caiporas e outras duas manifestações culturais relevantes: As Cambindas Velhas e Os Cangaceiros.

Imagen 6: Monumento ao carnaval com Os caiporas, As Cambindas Velhas e Os Cangaceiros em outra entrada da cidade de Pesqueira.



Fonte: Isaias M., 2016.

No decorrer dos anos, o bloco passou por modificações. Anteriormente, a indumentária era produzida pela Mestra Dona Helena, mãe do atual presidente, contudo, por

questões de saúde, a confecção e manutenção das vestimentas foi terceirizada. Outra transformação reside no perfil dos participantes, compostos em sua maioria por crianças e adolescentes, que passaram a conhecer e a se relacionar com os Caiporas a partir da oralidade e de atividades nas escolas da cidade. Este é um ponto enfatizado em diferentes momentos por Melo A. (2025) ao reforçar a importância do compartilhamento dos saberes culturais, especialmente após o reconhecimento do bloco como patrimônio cultural imaterial de Pernambuco. Além disso, a agremiação passou a acompanhar outros blocos durante o circuito carnavalesco, para além de seu desfile individual.

### **3.3 A patrimonialização do bloco**

O reconhecimento do bloco como patrimônio cultural imaterial ocorreu em 2017, por meio do Projeto de Lei Ordinária nº 704/2016, proposto pelo então deputado estadual João Eudes no ano anterior. Antes da aprovação, o pleito foi examinado pelo Conselho Estadual de Preservação do Patrimônio Cultural (CEPPC) e, após análise documental (Caiporas [...], 2016), deferido. O órgão, vinculado à Secretaria de Cultura de Pernambuco (Secult-PE), possui caráter deliberativo e consultivo, isto é, tem como objetivo a participação da sociedade na formulação de políticas e ações culturais desenvolvidas e promovidas no estado (Pernambuco, [s.d.]).

A lei foi aprovada em 21 de março de 2017, sob o nº 15.993/2017, e “institui o Bloco Carnavalesco e Cultural Caiporas de Pesqueira como Patrimônio Cultural Imaterial do Estado de Pernambuco.” (Pernambuco, 2017, p. 1). Entretanto, após consulta ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), constatou-se que o bloco não possui registro no órgão, possuindo apenas o reconhecimento da Assembleia Legislativa do Estado de Pernambuco (ALEPE) e da Secult-PE, com abrangência exclusivamente estadual.

Já o título de patrimônio vivo se deu por meio do edital do 19º Concurso do Registro do Patrimônio Vivo de Pernambuco (RPV-PE). O concurso é realizado pelo Governo do Estado, que atua

"[...] por intermédio da Secretaria de Cultura (Secult-PE) e da Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco (Fundarpe), por meio da Comissão Organizadora do Concurso do Registro do Patrimônio Vivo do Estado de Pernambuco (RPV-PE)." (Pernambuco, 2024, p. 1)

O registro oferece subsídio a pessoas e grupos de natureza física ou jurídica – como é o caso do bloco, que possui Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica (CNPJ) desde 2008. O

edital é composto por cinco etapas: 1) inscrição; 2) habilitação, mediante análise documental e verificação dos critérios que constam na Lei nº 12.196/2002; 3) pré-análise, que avalia a relevância da atividade desenvolvida, o tempo de existência e análise econômica, esse processo visa auxiliar a elaboração do dossiê enviado ao CEPPC. As etapas finais compreendem 4) a deliberação e, por fim, 5) a divulgação dos resultados, com a homologação pela Secult-PE e a cerimônia de titulação dos dez novos patrimônios do ano correspondente (Pernambuco, 2024).

Embora a habilitação da inscrição tenha acontecido no período de recurso, o bloco foi aprovado e recebeu o título na cerimônia realizada em 12 de agosto de 2024. Segundo Melo A. (2025), a bolsa mensal destina-se à manutenção das vestimentas, ao pagamento de cachês aos participantes e à formação de uma reserva de fundos para a aquisição de uma nova sede. O planejamento para esse espaço pretende acolher visitantes e integrar a comercialização de artesanato dos caiporas.

Entre as oportunidades proporcionadas por esses processos de patrimonialização, destacam-se a participação em eventos fora do período carnavalesco e do âmbito municipal, como o festival "Pernambuco Meu País", e a realização de apresentações em parceria não apenas com a Secretaria de Cultura e Turismo da cidade, mas também com a Secretaria de Educação. Tais ações proporcionam o compartilhamento dessa prática cultural, consolidando o bloco na memória coletiva local.

Essa conjuntura contribuiu, e continua contribuindo, para o estabelecimento dos Caiporas como manifestação importante para a memória e a identidade pesqueirenses. Isso se reflete, por exemplo, na definição do “Carnaval dos Caiporas”, uma iniciativa por parte dos órgãos municipais e reconhecida pelos moradores locais. Esse reconhecimento fortalece o sentimento de pertencimento e afeta a percepção da cidade, na qual determinadas localidades, como o centro da cidade e o bairro da Farroupilha<sup>4</sup> (onde se localiza a sede), são associadas aos Caiporas.

Imagen 7: Os Caiporas reunidos em frente à sede do bloco.

---

<sup>4</sup> Informação dita por Rebeca (nome fictício) em entrevista realizada no dia 31 de agosto de 2025.



Fonte: Bloco Carnavalesco e Cultural Os Caiporas de Pesqueira, 2025.

## **4. O BLOCO COMO PARTE DA IDENTIDADE PESQUEIRENSE**

### **4.1 Os Caiporas como representantes culturais da cidade**

Nas publicações e materiais de divulgação do carnaval de Pesqueira, assim como em outros eventos culturais veiculados pela Prefeitura e Secretaria de Cultura e Turismo, observa-se que o nome e o visual dos Caiporas predominam. Embora a imagem de outros blocos e patrimônios imateriais da cidade integre as programações, a agremiação é um componente central na maioria delas. No caso específico do período carnavalesco, este é referido por órgãos municipais e moradores como “O Carnaval dos Caiporas”.

Em 2001, a gestão municipal nomeou o festejo como o “Carnaval das Cambindas” em referência ao bloco (Lacerda, 2010) de mesmo nome. Naquele ano, as Cambindas Velhas foram definidas como representantes oficiais do carnaval. Contudo, conforme aponta Lacerda (2010), não houve consulta à comunidade sobre tal escolha, e a comunicação visual da divulgação não remetia à agremiação para além do nome, falhando em estabelecer uma conexão entre o público e o bloco.

A partir de meados dos anos 2000, Os Caiporas consolidaram-se como representantes carnavalescos, posto mantido inclusive no centenário das Cambindas Velhas, em 2009. Nesse sentido, Lacerda (2010) afirma que a escolha baseou-se em políticas culturais do Estado de Pernambuco. A então gestora da Secretaria de Turismo, Maria José Castro Tenório, declarou que a seleção foi realizada com base na visualidade e interação do bloco com o público, elementos que chamavam atenção e remetiam a outras manifestações culturais regionais, como os Papangus (Lacerda, 2010). Essas eram as condições para que Pesqueira fosse integrada ao Circuito do Frio e impulsionasse as atividades turísticas na cidade (Lacerda, 2010).

Ainda sobre a definição dos Caiporas como representantes do carnaval, Aristóteles Melo afirma:

"Eu volto a dizer que isso partiu do povão. Em uma sacada também muito maravilhosa, há anos, a EMPETUR (Empresa de Turismo de Pernambuco Governador Eduardo Campos S.A.) saiu emblemando de Recife ao sertão aqueles eventos culturais que tinham mais relevância, e chegava naquele município e em uma pesquisa que nós não sabíamos que estava sendo feita nem nada, eles procuravam o povo e eles diziam como deveria ser o nome do carnaval, o nome da missa do vaqueiro, essas coisas, para emblemear e ampliar o turismo no estado. Aí, Salgueiro, a bicharada, Triunfo, os caretas, Bezerros, os papangus. Aí Pesqueira, uma variedade que nós temos de cultura, como deveria ser chamado o carnaval de Pesqueira? Tudo é uma caminhada, é um processo, outras pessoas envolvidas, isso faz a cultura, né?"

Então, o povo escolheu o carnaval de Pesqueira. [...] Então, no decorrer dos tempos houve algumas gestões municipais que quiseram tirar, mas não foi a gente que colocou. Então para que se preocupar com isso? Não tem que se preocupar com isso. Eu tenho que me preocupar mais com os caiporas do que com o carnaval de Pesqueira ser multicultural.” (Melo A., 2025)

Embora a estratégia utilizada pela gestão municipal na época não tenha considerado a escolha popular Lacerda (2010), e ainda que não tenha sido possível localizar a pesquisa da EMPETUR mencionada por Melo A. em entrevista, vale destacar que o bloco já possuía notoriedade e apreço por uma parcela da população pesqueirense.

Ao analisar as programações e divulgações do carnaval pesqueirense referentes ao período de 2023-2026 (os anos de 2021 e 2022 foram descartados pois não houve festividade devido a pandemia de COVID-19), e considerando o panfleto de 2009 citado por Lacerda (2010), constata-se que, embora haja uma associação espontânea da população com o bloco, as ações dos órgãos municipais impulsionam e incentivam essa relação. Isso ocorre, inclusive, por meio da presença do bloco em outros eventos ao longo do ano, nos quais Os Caiporas atuam como representantes de Pesqueira. Segundo Renan Melo, Chefe da Divisão Cultural da Secretaria de Cultura e Turismo, o bloco é considerado o “carro-chefe” da cidade<sup>5</sup>.

Além das programações municipais, os eventos realizados pela Secult-PE ao longo do ano, como o “Pernambuco Meu País”, a figura característica do Caipora é utilizada como manifestação cultural símbolo de Pesqueira. Esse processo implica na associação do bloco à cidade por parte dos turistas.

Imagen 8: Divulgação do carnaval de Pesqueira em 2023.



<sup>5</sup> Entrevista realizada em 11 de setembro de 2025.

Fonte: Prefeitura Municipal de Pesqueira, 2023.

Imagen 9: Divulgação do carnaval de Pesqueira em 2024.



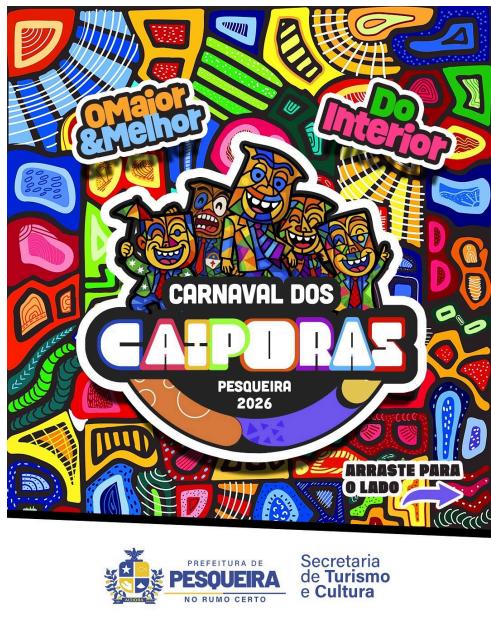
Fonte: Prefeitura Municipal de Pesqueira, 2024.

Imagen 10: Divulgação do carnaval de Pesqueira em 2025.



Fonte: Prefeitura Municipal de Pesqueira, 2025.

Imagen 11: Divulgação da identidade visual do carnaval de Pesqueira de 2026.



Fonte: Prefeitura Municipal de Pesqueira, 2025.

Acerca de outros eventos culturais e festividades na cidade, Pesqueira possui o programa “Viva Pesqueira”, criado pela Lei n° 795/2001, de 19 de fevereiro de 2001, que cria outros oito programas em conjunto. O Art. 8 da lei define a finalidade do programa:

"O Programa 'Viva Pesqueira' destina-se a promover o desenvolvimento turístico e cultural do Município, tendo como finalidade promover eventos de natureza cívica, folclórica, turística, artística e outras manifestações culturais, incluindo a assunção de despesas com impressão e divulgação de produções culturais e artísticas, com a organização dos eventos tradicionais e com a contratação de artistas e shows." (Pesqueira (PE), 2001, p. 1)

O programa comprehende diversas festividades, do carnaval ao São João, e prevê a cooperação com outras esferas do governo para custear transporte, alojamento e demais despesas (Pesqueira (PE), 2001) relacionadas à realização dessas festividades e ao pagamento dos trabalhadores da cultura. Para além dessa iniciativa, e após escuta pública realizada com os artistas e produtores culturais da cidade, a prefeitura aderiu ao segundo ciclo da Política Nacional Aldir Blanc de Fomento à Cultura (PNAB)<sup>6</sup>. Por meio dessa política, serão investidos R\$2 milhões até 2029 na área cultural (Pesqueira (PE), 2025).

#### **4.2 Relação comunidade-bloco**

---

<sup>6</sup> Instituído pela Lei n° 14.399/2022, tem o propósito de oferecer subsídio regular aos projetos propostos pelos estados e municípios e integrados ao PNAB. O recurso financeiro recebido pode ser aplicado em ações culturais e editais de fomento, por exemplo (Brasil, 2023).

Durante as entrevistas e dos relatos orais, notou-se que há identificação da comunidade com os códigos e simbolismos presentes na socialização dos Caiporas durante as festividades populares e eventos culturais na cidade, com destaque para o carnaval.

No tocante à presença do bloco nas ruas, mencionou-se reiteradamente que, para além do período carnavalesco e do acompanhamento de outras agremiações, Os Caiporas participam de diversas festas ao longo do ano. Nas entrevistas, observou-se que os entrevistados possuem uma relação de longa data com o bloco, acompanhando-o há pelo menos uma década nas multidões características da folia carnavalesca. Esse movimento contribui para que o bloco seja associado à memória local e influencie a forma afetiva com que a comunidade percebe Pesqueira.

Nesse sentido, entre os relatos, destaca-se a afirmação: “eu só penso no momento em que estou curtindo” (Bianca, 2025)<sup>7</sup>. Tal fala relaciona-se ao conceito de neotribalismo desenvolvido por Maffesoli, segundo o qual o foco das tribos urbanas reside no prazer e na ênfase no presente, vivenciados por uma multidão que compartilha os mesmos símbolos e emoções.

Ademais, a experiência de vivenciar o carnaval com Os Caiporas e outras agremiações no circuito carnavalesco faz com que determinados lugares ganhem novos significados. O bloco é frequentemente associado ao centro da cidade, especificamente à Praça Dom José Lopes, que é o palco principal da festa, considerada por diversos moradores tradição local. Essas experiências compartilhadas por moradores e turistas constroem uma memória coletiva acerca do carnaval de Pesqueira e de seus personagens marcantes, tornando o bloco uma marca distintiva da cidade.

Dessa forma, a partir dos relatos coletados e de outras comunicações que serviram como material complementar à pesquisa, constata-se que o bloco é um componente importante da identidade cultural pesqueirense, possuindo relevância na memória coletiva e influenciando a afetividade direcionada à cidade por parte de seus habitantes.

#### **4.5 Análise e discussão dos dados**

A presente seção dedica-se à análise e à discussão dos dados apresentados anteriormente, que abordaram a história do bloco, seu processo de patrimonialização, a comunicação dos órgãos municipais sobre às ações culturais protagonizadas pela agremiação e o sentimento de identificação da comunidade local para com o bloco.

---

<sup>7</sup> Entrevista realizada em 31 de agosto de 2025.

O objetivo é cruzar esses dados com o referencial teórico apresentado na primeira seção desta monografia. Essa articulação visa sustentar o argumento de que o bloco é parte da memória coletiva e identidade cultural pesqueirense. Para além disso, busca demonstrar que o uso de sua imagem na comunicação oficial de ações culturais, somado à visibilidade proporcionada pela patrimonialização, impulsiona o movimento de associação à memória e identidade local, tanto por parte dos moradores quanto dos turistas.

É relevante destacar, inicialmente, o papel significativo da oralidade na cultura popular, elemento evidente na história dos Caiporas. A agremiação fundamenta-se no imaginário coletivo local sobre a lenda do caipora (conforme relatado por entrevistados), sendo uma narrativa perpetuada por meio de rodas de conversa e contação de histórias. Para além de sua criação, a oralidade manifesta-se na formação de um novo misticismo dentro do bloco, associado ao falecimento dos fundadores, o que evidencia sua adaptação e ressignificação frente a novos contextos ao longo dos anos.

Nessa perspectiva, as lendas são perpetuadas na cultura popular não apenas pela oralidade, mas também através de produções materiais que as representam, como o artesanato. No caso do bloco, isso ocorre pela apresentação marcada pela irreverência e indumentária singular. Embora o comportamento e o paletó colorido dos componentes possuam um tom descontraído, a máscara, com caretas pintadas em ambos os lados, faz referência à entidade caipora, muitas vezes temida, remetendo à lenda e ao medo que ela evoca.

A partir da oralidade e, especificamente, da lenda, o bloco incorpora essa imaterialidade e mística em materiais tangíveis, como a máscara de estopa ou juta. Essas máscaras traduzem para o mundo físico a presença intimidante da entidade por meio de suas caretas pintadas.

O anonimato proporcionado pela máscara, que cobre inteiramente a face de quem a veste, influencia diretamente o comportamento irreverente pelo qual os participantes são conhecidos. Sendo assim, a materialidade está intrinsecamente ligada ao ato de ser Caipora. Estabelece-se, dessa forma, uma relação de retroalimentação em que as máscaras, o restante da indumentária, o estandarte (que carrega a identidade e simbolismo do bloco) e os demais objetos produzidos pelo bloco não existiriam sem a lenda, assim como Os Caiporas não seriam o que são sem essa base material. Imaterialidade e materialidade estão, portanto, intrinsecamente conectadas.

A materialidade torna-se, portanto, necessária para a conclusão do ritual de “ser Caipora”. No contexto da agremiação, a máscara e a indumentária completa adquirem autonomia, permitindo que a lenda e o bloco sejam evocados apenas por meio de sua imagem,

mesmo sem a presença de alguém vestindo-as ou “incorporando-as” durante as apresentações em períodos festivos.

Em festas populares como o carnaval, evento que, segundo Ferreira (2010 p. 10), “fala de todos e de nós”, Os Caiporas configuram-se como uma tribo urbana que, nas multidões das ladeiras pesqueirenses, compartilha símbolos, códigos, afetividades e interações (Castro, 2016) com parte do público. Contudo, essas trocas ocorrem de forma efêmera e circunstancial (Castro, 2016), dado que os integrantes dessa tribo também pertencem a outros grupos.

Nesse neotribalismo, como define Maffesoli, prevalece a coletividade com o propósito de vivenciar o prazer, o movimento da multidão e o tempo presente, conjuntura em que a tribo:

“[...] atuaria como uma espécie de válvula de escape, possibilitando a comunhão de algumas experiências, a intensificação dos laços afetivos e de solidariedade e a fruição de alguns códigos de comunicação (estéticos ou comportamentais, por exemplo).” (Castro, 2016, p. 83)

Essa efemeridade, com enfoque no tempo presente e na socialização, é característica das tribos urbanas. Segundo esse raciocínio presentista, a identidade pós-moderna não é imutável (Castro, 2016). Nessa perspectiva, a identidade pesqueirense pode, portanto, estar ligada a diversas referências culturais (como a Nossa Senhora das Graças, o doce e a renda renascença), as quais coexistem com a figura dos Caiporas no carnaval, evento pelo qual a cidade também é reconhecida.

Além disso, a partir dessas experiências de afetividade e coletividade, os espaços urbanos são transformados. A socialização que ali ocorre em um determinado tempo convida outros indivíduos a ocupá-los e a experienciar o evento, que se torna uma marca ligada à vivência daquela tribo (Castro, 2016). Locais como a Praça Dom José Lopes (ou Praça da Catedral), a Ladeira da Peixe e a Farroupilha são exemplos de espaços urbanos de compartilhamento desses símbolos e códigos, não apenas pelos Caiporas, mas por outras agremiações que os ocupam durante o carnaval.

O movimento agregador do bloco funciona como uma tribo urbana, sua identidade visual única, a mística que envolve sua criação e o comportamento de seus componentes durante a folia são elementos que contribuíram para que Os Caiporas se mantivessem como figuras marcantes no carnaval pesqueirense, mesmo após a pausa de anos que se encerrou ao final da década de 1980.

A presença e relevância do bloco na cidade culminaram no seu registro como patrimônio imaterial de Pernambuco em 2017, fator que lhe conferiu legitimidade e ampliou sua visibilidade. Entretanto, o processo de patrimonialização é atravessado por tensões e

disputas de poder, inerentes à escolha de uma manifestação em detrimento de outra. Isso pode estar ligado à sua origem, aos grupos sociais envolvidos em sua manutenção, à memória que se quer salvaguardar e a quais narrativas devem ser perpetuadas naquele momento. De todo modo, o processo de registro reconhece a relevância da manifestação nas dinâmicas sociais, na memória das comunidades e na cultura local.

Outra problemática reside no fato de que o registro como patrimônio imaterial não concede subsídios para a manutenção das atividades e apresentações. Esse cenário, comum a diversas agremiações carnavalescas, pode acarretar na dissolução do grupo ou o não comparecimento a eventos que não oferecem cachê. A fonte de renda geralmente provém de programas e ações culturais do município e do estado (como ocorreu com os Caiporas antes da titulação como patrimônio vivo), editais e a venda de abadás e *souvenirs* da agremiação.

Embora Pesqueira possua o programa de incentivo à cultura local “Viva Pesqueira”, e integre o segundo ciclo da PNAB (o que garante repasses financeiros para o suporte de ações culturais municipais até 2029), estes costumam ser sazonais, enquanto as despesas básicas de quem produz cultura são mensais. Nesse sentido, o título de Patrimônio Vivo de Pernambuco tenta preencher essa lacuna ao oferecer um subsídio mensal, essencial para que os mestres mantenham a tradição e as práticas culturais vivas. Desse modo, eles podem se dedicar integralmente a compartilhar seus saberes e perpetuar essas memórias, sem a necessidade de outras atividades remuneradas.

Entendendo que, entre os critérios para a patrimonialização, está a relevância da manifestação na memória coletiva local, e em articulação com Huyssen (1997), observa-se a adaptação dos órgãos patrimoniais ao “discurso do presente e a partir dos interesses presentes” (Huyssen, 1997, p. 225). Isso se reflete na necessidade de registro e na criação de editais que abarquem as especificidades da salvaguarda do patrimônio imaterial e das memórias perpetuadas pelos seus mestres.

Nesse raciocínio, a legitimidade conferida a um patrimônio imaterial e vivo, como os Caiporas, influencia a relação com o poder público e é utilizada para impulsionar o turismo e o lucro do setor na cidade. O bloco é representante do carnaval pesqueirense e aparece frequentemente nas divulgações de eventos culturais no município. É a partir das experiências em comum que os moradores compartilham nesses períodos festivos que se constrói uma memória coletiva ligada a essa manifestação, consolidando-a como integrante da identidade cultural.

Após análise dos dados, conclui-se que O Bloco Carnavalesco e Cultural Os Caiporas de Pesqueira é parte da identidade pesqueirense. Essa associação deu-se pela incorporação da

lenda na materialidade e na forma de brincar o carnaval, fatores que deixaram uma impressão marcante na vida dos residentes da cidade. Além disso, os Caiporas atuam como uma tribo urbana nos períodos festivos, momento em que são compartilhados símbolos e afetividades no vai e vem da multidão.

O processo de associação dos Caiporas à identidade cultural da cidade deve-se não apenas à sua presença marcante nas ruas, mas também à sua patrimonialização, que expandiu sua visibilidade e possibilitou intercâmbios culturais fora do município. Tal visibilidade o torna o representante principal do período carnavalesco da cidade, papel reforçado pela comunicação e ações das secretarias municipais, em especial a de Cultura e Turismo.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo central analisar o Bloco Carnavalesco e Cultural Os Caiporas como parte da identidade cultural de Pesqueira e da memória coletiva de seus moradores. A pesquisa explorou as implicações da patrimonialização na perpetuação dos saberes inerentes ao bloco, sua relação com a comunidade, bem como o papel da comunicação dos órgãos municipais e estaduais no reforço dos Caiporas como representantes culturais da cidade.

Considerando o exposto, é possível concluir que a agremiação, de fato, estabeleceu-se como parte integrante da memória coletiva e da identidade pesqueirense. Embora essa identidade seja multicultural, composta por diversos elementos (como a figura da santa e das mulheres rendeiras), ela se manifesta na reputação de Pesqueira como detentora do melhor carnaval do interior pernambucano, onde o bloco é citado em relatos e entrevistas como marca característica do município.

Essa associação à identidade pesqueirense é resultado da convergência de diversos fatores: a presença marcante do bloco nos carnavais por meio do visual e comportamento de seus componentes, a potencialização através de programas culturais e, indispensavelmente, o reconhecimento obtido pela patrimonialização. Tal integração é continuamente reforçada pelas produções imagéticas na cidade, como o monumento mencionado na segunda seção, e pela presença constante da agremiação nas divulgações oficiais dos eventos culturais promovidos pelo governo municipal e estadual.

A principal limitação desta pesquisa residiu no curto período de tempo disponível para a coleta, interpretação dos dados e escrita da monografia. Essa restrição impediu um aprofundamento maior em certos aspectos críticos da análise, bem como a realização de um número maior de entrevistas. Apesar disso, o trabalho mostra-se relevante para o campo do patrimônio ao possibilitar a compreensão das implicações do processo de patrimonialização na socialidade das manifestações culturais e como este se reflete na memória coletiva e identidade local.

Por fim, o presente trabalho não pretende esgotar a temática, pelo contrário, a análise abre caminho para diversas problemáticas e questões que podem ser exploradas em pesquisas futuras. Sugere-se a realização de estudos acerca das diferenças entre o carnaval de rua e os carnavais de clube em Pesqueira na década de 1930, explorando as tensões sociais e raciais da época. Outras vertentes poderiam analisar o crescimento de eventos privados que tentam reproduzir a folia e movimento da multidão do carnaval de rua em espaços pagos. Ademais,

propõe-se investigar as conexões entre memória, identidade e imaginário em determinados contextos culturais e, por fim, avaliar se os instrumentos patrimoniais vigentes conseguem, de fato, atender as demandas e questões referentes à dinamicidade do patrimônio imaterial conforme as diretrizes da UNESCO.

## REFERÊNCIAS

BERTAGNOLLI, G. B. L. Processos de construção de identidades regionais: cultura imaterial, identidade e desenvolvimento. **Perspectiva**, Erechim, v. 39, n. 148, p. 47-54, dez. 2015. Disponível em: [https://www.uricer.edu.br/site/pdfs/perspectiva/148\\_532.pdf](https://www.uricer.edu.br/site/pdfs/perspectiva/148_532.pdf). Acesso em: 6 ago. 2025.

**BLOCO CARNAVALESCO E CULTURAL OS CAIPORAS DE PESQUEIRA. Histórico 2025**, Pesqueira, 2025. No prelo.

BRAGA, C. H. F. Humanos fazem, e são feitos de cultura material: uma apresentação dos trecos, troços e coisas. **Tessituras**, Pelotas, v. 2, n. 2, p. 236-244, jul./dez. 2014. DOI: <https://doi.org/10.15210/tes.v2i2.4864>. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/tessituras/article/view/4864>. Acesso em: 10 ago. 2025.

BRASIL. Constituição de 1988. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Supremo Tribunal Federal, [2025]. Disponível em: <https://www.stf.jus.br/arquivo/cms/legislacaoConstituicao/anexo/CFEC136.pdf>. Acesso em: 30 ago. 2025.

BRASIL. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Programa Nacional do Patrimônio Imaterial (PNPI)**. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, [2020]. Disponível em: <https://www.gov.br/iphant/pt-br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/programas/programa-nacional-do-patrimonio-imaterial-pnpi>. Acesso em: 14 ago. 2025.

CAIPORAS são confirmados como Patrimônio Imaterial de Pernambuco. **Diário de Pernambuco**, Recife, 17 dez. 2016. <https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/viver/2016/12/caiporas-sao-confirmados-como-patrimonio-imaterial-de-pernambuco.html>. Acesso em: 5 dez. 2025.

CARNAVAL DE PESQUEIRA. **Pesqueira e seu tradicional carnaval**. Pesqueira, 24 fev. 2025. Instagram: Carnaval Pesqueira Pe. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DGdUqVGx5KU/>. Acesso em: 5 dez. 2025.

CASTRO, F. F. O neotribalismo e outras socializações pós-modernas. **Revista Interfaces**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 25, p. 82-99, jul./dez. 2016. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/interfaces/article/view/29561>>. Acesso em: 6 dez. 2025.

CONVENÇÃO PARA A SALVAGUARDA DO PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL. 2003, Paris. **Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial**. Brasília: Ministério das Relações Exteriores, 2006. Disponível em: [https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000132540\\_por](https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000132540_por). Acesso em: 2 ago. 2025.

COSTA NETO, E. M. SANTOS-FITA, D. AGUIAR, L. M. P. Curupira e Caipora: o papel dos seres elementais como guardiões da natureza. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, Pará, v. 18, n. 1, p. 1-21, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1590/2178-2547-BGOELDI-2021-0095>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bgoeldi/a/DhHSLwsm93pQvGjMW5PjZSr/?format=html&lang=pt> Acesso em: 5 nov. 2025.

DESVALLÉES, A. *et al.* **Conceitos-Chave de Museologia**. São Paulo: ICOM Brasil, 2014. Disponível em: <https://www.gov.br/ibram/pt-br/assuntos/publicacoes/documentos/conceitos-chave-de-museol>. Acesso em: 2 ago. 2025.

FERREIRA, J. P. Sobre a festa popular: duas evocações. **Revista Anthropológicas**, Recife, v. 21 (1), p. 9-12, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaanthropologicas/issue/view/1731>. Acesso em: 3 dez. 2025.

GALINDO, G. **Reminiscências de um pequeno mundo**. Edição do Autor. Pesqueira, 1996.

GUERRA, A. L. R. *et al.* Pesquisa qualitativa e seus fundamentos na investigação científica. **Revista de Gestão e Secretariado**, São José dos Pinhais, v. 15, n. 7, p. 1-15, ago. 2024. DOI: <https://doi.org/10.7769/gesec.v15i7.4019>. Disponível em: <https://ojs.revistagesec.org.br/secretariado/article/view/4019/2531>. Acesso em: 18 jun. 2025.

HUYSEN, A. Escapando da amnésia: os museus como cultura de massa. In: HUYSEN, A. **Memórias do Modernismo**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1997. p. 222-255. Disponível em:

<https://pt.scribd.com/doc/234559168/Andreas-Huyssen-Escapando-Da-Amnesia-O-Museu-Co-mo-Cultura-de-Massa>. Acesso em: 6 ago. 2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Pesqueira: Histórico & Fotos.** Rio de Janeiro: IBGE, [s.d.]. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pe/pesqueira/historico>. Acesso em: 12 dez. 2025.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL (ISA). **Povos Indígenas no Brasil - Xukuru.** São Paulo: ISA, [s.d.]. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Xukuru>. Acesso em: 12 nov. 2025.

LACERDA, J. C. **Folkcomunicação e turismo:** As Cambindas Velhas de Pesqueira-PE e a Atividade Turística de Base Local. 2010. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural e Desenvolvimento Local) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2010. Disponível em: <http://www.tede2.ufrrpe.br:8080/tede/bitstream/tede2/6084/2/Jeanine%20Calixto%20Lacerda.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2025.

LAMIR, D. STROPASOLAS, P. Conheça a agricultura Xukuru do Ororubá, que fortalece o modo de ser indígena. **Brasil de Fato**, Pernambuco, 15 dez. 2023. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/podcast/momento-agroecologico/2023/12/15/conheca-a-agricultura-xukuru-do-ororuba-que-fortalece-o-modo-de-ser-indigena/>>. Acesso em: 24 nov. 2025.

MAFFESOLI, M. **O tempo das tribos:** o declínio do individualismo nas sociedades de massa. 2 edição. Rio De Janeiro: Forense Universitária, 2 edição, 1998. PDF.

M. I. **Entrada da cidade.** [2016]. 1 fotografia, color. 37,3 Kb. Formato JPG. Disponível em: [https://www.tripadvisor.es/LocationPhotos-g2344265-Pesqueira\\_State\\_of\\_Pernambuco.html#184905807](https://www.tripadvisor.es/LocationPhotos-g2344265-Pesqueira_State_of_Pernambuco.html#184905807). Acesso em: 12 nov. 2025.

MILLER, D. **Trecos, troços e coisas:** estudos antropológicos sobre a cultura material. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2013. PDF.

OLIVEIRA, P. Toada para a Fábrica Peixe. **Meus Sertões**, [s.l.], 11 jun. 2019. Disponível em: <<https://meussertoes.com.br/2019/06/11/toada-de-ze-galego-imortaliza-fabrica-peixe/>>. Acesso em: 13 nov. 2025.

PERNAMBUCO. **Lei Ordinária nº 15.993/2017.** Institui o Bloco Carnavalesco e Cultural Caiporas de Pesqueira como Patrimônio Cultural Imaterial do Estado de Pernambuco. Recife, PE: Assembleia Legislativa do Estado de Pernambuco, [2017]. Disponível em: <https://legis.alepe.pe.gov.br/dadosReferenciais.aspx?id=27180>. Acesso em: 4 nov. 2025.

PERNAMBUCO. **Lei Ordinária nº 12.196, de 02 de maio de 2002.** Institui, no âmbito da Administração Pública Estadual, o Registro do Patrimônio Vivo do Estado de Pernambuco - RPV-PE, e dá outras providências. Recife, PE: Assembleia Legislativa do Estado de Pernambuco, [2016]. Disponível em: <https://legis.alepe.pe.gov.br/dadosReferenciais.aspx?id=710>. Acesso em: 5 ago. 2025.

PERNAMBUCO. Secretaria de Cultura. **Catálogo Anual de Registro do Patrimônio Vivo de Pernambuco 2024.** [Recife]: Secult-PE, [2025]. Disponível em: <<https://www.cultura.pe.gov.br/canal/patrimonio-cultural-3/secult-pe-e-fundarpe-apresentam-catalogo-de-registro-dos-patrimonios-vivos-2024/>>. Acesso em: 1 set. 2025.

PERNAMBUCO. Secretaria de Cultura. **Quem somos.** [Recife]: Secult-PE, [s.d.]. Disponível em: <https://www.cultura.pe.gov.br/pagina/quem-somos/>. Acesso em: 5 nov. 2025.

PERNAMBUCO. Secretaria de Cultura. **19º Concurso de Registro do Patrimônio Vivo de Pernambuco.** [Recife]: Secult-PE, [2024]. Disponível em: <https://www.cultura.pe.gov.br/editais/19o-concurso-de-registro-do-patrimonio-vivo-de-pernambuco/>. Acesso em: 5 nov. 2025.

PERNAMBUCO. Secretaria de Planejamento e Gestão. **Mapa cultural, Município Pesqueira.** [Pernambuco]: SPG, [s. d.]. Disponível em: <https://mapacultural.pe.gov.br/files/space/1010/pesqueira.pdf>. Acesso em: 22 nov. 2025.

PESQUEIRA. **Lei nº 795, de 19 de fevereiro de 2001.** Dispõe sobre a criação de Programas Assistenciais e Culturais e dá outras providências. Pesqueira: Prefeitura Municipal de Pesqueira, [2001]. Disponível em: [https://transparencia.pesqueira.pe.gov.br/uploads/5314/1/atos-oficiais/2001/leis/1636545836\\_1ei-n-795-de-2001-dispoe-sobre-a-criacao-de-programas-assistenciais-e-culturais.pdf](https://transparencia.pesqueira.pe.gov.br/uploads/5314/1/atos-oficiais/2001/leis/1636545836_1ei-n-795-de-2001-dispoe-sobre-a-criacao-de-programas-assistenciais-e-culturais.pdf). Acesso em: 12 dez. 2025.

PREFEITURA DE PESQUEIRA. **Pesqueira Carnaval 2023.** Pesqueira, 13 fev. 2023. Instagram: Prefeitura de Pesqueira Oficial. Disponível em: [https://www.instagram.com/p/Com2ud7L4yT/?img\\_index=1](https://www.instagram.com/p/Com2ud7L4yT/?img_index=1). Acesso em: 5 dez. 2025.

PREFEITURA DE PESQUEIRA. **Programação Carnaval de Pesqueira 2024.** Pesqueira, 8 fev. 2024. Instagram: Prefeitura de Pesqueira Oficial. Disponível em: [https://www.instagram.com/p/C3FnajKrz2d/?img\\_index=1](https://www.instagram.com/p/C3FnajKrz2d/?img_index=1). Acesso em: 5 dez. 2025.

PREFEITURA DE PESQUEIRA. **Identidade Visual do Carnaval de 2025.** Pesqueira, 17 jan. 2025. Instagram: Prefeitura De Pesqueira Oficial. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DE8Pi3VJMP0/>. Acesso em: 5 dez. 2025.

PREFEITURA DE PESQUEIRA. **Aberto Edital de Credenciamento do Programa Volte Seguro no Festival Pernambuco Meu País.** Pesqueira, 29 jul. 2025. Instagram: Prefeitura De Pesqueira Oficial. Disponível em: [https://www.instagram.com/p/DMsik4VO6eZ/?img\\_index=1](https://www.instagram.com/p/DMsik4VO6eZ/?img_index=1). Acesso em: 5 dez. 2025.

PREFEITURA DE PESQUEIRA. **Círculo Cultural em Mutuca.** Pesqueira, 24 set. 2025. Instagram: Prefeitura De Pesqueira Oficial. Disponível em: [https://www.instagram.com/p/DO\\_cfvlkUD5/?img\\_index=1](https://www.instagram.com/p/DO_cfvlkUD5/?img_index=1). Acesso em: 5 dez. 2025.

PREFEITURA DE PESQUEIRA. **Identidade visual oficial do Carnaval de 2026.** Pesqueira, 22 set. 2025. Instagram: Prefeitura De Pesqueira Oficial. Disponível em: [https://www.instagram.com/p/DO6z7G3CQGe/?img\\_index=1](https://www.instagram.com/p/DO6z7G3CQGe/?img_index=1). Acesso em: 5 dez. 2025.

SANTANA DO Ó, E. FAULHABER, P. "Eles não deixam eu morar aqui": trabalhadores da cultura e a face sombria da gentrificação no Sítio Histórico de Olinda. **Revista Cadernos do Ceom**, v. 37, n. 60, p. 56-68, 2024. DOI: <https://doi.org/10.22562/2024.60.04>. Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/view/7953>. Acesso em: 7 ago. 2025.

SILVA, E. BARROS, I. P. Povo Indígena Xukuru do Ororubá: uma história de mobilizações por afirmação de direitos. **Revista Direito e Práxis**, v. 13, n. 1, p. 395-423, 2022. DOI: 10.1590/2179-8966/2022/65122. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rdp/a/MCvrByLpTnMYZfq8vhyjgjR/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 1 dez. 2025.

SILVA, M. G. L. COSTA, V. S. O. Água, conhecimento e ação local: cartilha como instrumento de aprendizagem. **Revista Sergipana de Educação Ambiental**, São Cristóvão, v. 8, n. Especial, p. 1-19, abr./mai. 2021. DOI: [10.47401/revisea.v8iEspecial.15514](https://doi.org/10.47401/revisea.v8iEspecial.15514). Disponível em:

[https://www.researchgate.net/publication/356157366\\_Agua\\_conhecimento\\_e\\_acao\\_local\\_cartilha\\_como\\_instrumento\\_de\\_aprendizagem](https://www.researchgate.net/publication/356157366_Agua_conhecimento_e_acao_local_cartilha_como_instrumento_de_aprendizagem). Acesso em: 15 nov. 2025.

SOUZA, S. R. LIMA, T. C. B. G. SILVA, T. G. Cultura popular e repertórios narrativos: mitos, lendas e contos. **Revista de Letras Norteamericanas**, Mato Grosso, v. 15, n. 41, p. 165-179, dez. 2022. DOI: <https://doi.org/10.30681/rln.v15i41.10610>. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/norteamericanas/article/view/10610>. Acesso em: 15 ago. 2025.

## APÊNDICES

**APÊNDICE A - Roteiro de entrevista semiestruturada utilizado com a comunidade pesqueirense**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO**

**CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**

**BACHARELADO EM MUSEOLOGIA**

Data: \_\_\_ / \_\_\_ / \_\_\_

1. Você poderia falar um pouco sobre você e a sua relação com o bloco Os Caiporas?
2. Como e quando começou sua relação com o bloco como foliã?
3. Como você se relaciona com a cidade de Pesqueira?
4. Você percebe a presença do bloco na cidade?
5. Você associa alguma localidade da cidade à imagem do bloco Os caiporas?
6. Você nota alguma diferença na forma em que o bloco se apresenta ao longo dos anos?
7. Você conhece a lenda dos caiporas?
8. A mesma versão que deu início ao bloco?
9. Você consegue lembrar onde ouviu a lenda pela primeira vez?
10. Você lembra de quando ouviu essa lenda pela primeira vez?

**APÊNDICE B - Roteiro de entrevista semiestruturada com o presidente do Bloco Carnavalesco e Cultural Os Caiporas, Aristóteles Melo.**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
BACHARELADO EM MUSEOLOGIA**

Data: \_\_\_ / \_\_\_ / \_\_\_

1. Você poderia falar um pouco sobre você e a sua relação com o bloco Os Caiporas?
2. Como e quando começou sua relação com o bloco como foliã?
3. Como você se relaciona com a cidade de Pesqueira?
4. Você percebe a presença do bloco na cidade?
5. Você associa alguma localidade da cidade à imagem do bloco Os caiporas?
6. Você nota alguma diferença na forma em que o bloco se apresenta ao longo dos anos?
7. Você conhece a lenda dos caiporas?
8. A mesma versão que deu início ao bloco?
9. Você consegue lembrar onde ouviu a lenda pela primeira vez?
10. Você lembra de quando ouviu essa lenda pela primeira vez?
11. Como o bloco se organiza internamente?
12. Quem confecciona e pinta as vestimentas?
13. Quem pode participar do bloco?
14. O bloco mantém alguma relação de articulação com a Secretaria de Cultura de Pesqueira?

15. Existem projetos que envolvem a participação cultural do bloco em eventos além do carnaval?
16. Como é o processo de participação do bloco em outros eventos culturais?
17. Como se deu o processo de patrimonialização do bloco?
18. De que forma o bloco contribui para a identidade cultural da cidade?

**APÊNDICE C** - Roteiro de entrevista semiestruturada com o Chefe da Divisão Cultural da Secretaria de Cultura e Turismo de Pesqueira, Renan Melo.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO**  
**CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**BACHARELADO EM MUSEOLOGIA**

Data: \_\_\_ / \_\_\_ / \_\_\_

1. O bloco mantém alguma relação de articulação com a Secretaria de Cultura e Turismo de Pesqueira?
2. A secretaria participou desse processo de reconhecimento do bloco como patrimônio cultural no sentido de dar suporte?
3. Existem políticas públicas municipais associadas à preservação e valorização desse bloco?
4. Existem projetos ou iniciativas que envolvem a participação cultural do bloco em eventos além do carnaval?
5. O reconhecimento como patrimônio trouxe mudanças na forma como a Secretaria se relaciona com o bloco?
6. Quais tipos de apoio a Secretaria de Cultura oferece ao bloco (financeiro, logístico, técnico, institucional)?
  
7. Como a Secretaria avalia o papel do bloco na construção da memória e identidade cultural da cidade?
8. Na visão da Secretaria, de que forma o bloco contribui para o turismo e a economia local?

## ANEXOS

ANEXO A - folder do carnaval de 2009 (Lacerda, 2010)







